

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA: DIRECTOR'S CUT
3 DE MAIO DE 2022

RECONSTRUÇÃO / 2022

Um filme de Francisco Noronha

Realização, Montagem e Som: Francisco Noronha / Mistura e Desenho de Som: Alexandre Barbora / Assistente de Edição: Ana Nakamura / Música: Pete Seeger

Produção: Calor do Cão, em colaboração com a Universidade Católica Portuguesa, Escola de Artes / Cópia: dcp, preto e branco e cores, versão original, legendada em inglês / Duração: 12 minutos / Estreia Nacional / Primeira Exibição na Cinemateca

THE TIMEKEEPERS OF ETERNITY / 2021

Um filme de Aristotelis Maragkos

Realização, Ideia e Produção: Aristotelis Maragkos / Som: Giorgios Ramanadis / Música: Amulets, Randall Taylor

Cópia: dcp, preto e branco, legendas eletrónicas em português / Duração: 62 minutos / Estreia Mundial: Estados Unidos, 23 de Setembro de 2021 (Fantastic Fest) / Primeira Exibição na Cinemateca.

Com as presenças de Francisco Noronha e Aristotelis Maragkos

Na parceria entre a Cinemateca e o Festival Indie Lisboa, esta sessão contempla dois filmes que, de formas diferentes, apresentam a face mais interior do cinema, configurando mundos meta-cinematográficos através da apropriação e transformação de universos fílmicos preexistentes.

RECONSTRUÇÃO avança entre ressonâncias e imagens do Cinema Português. Francisco Noronha recorre a filmes portugueses, desde o Cinema Novo até aos tempos de hoje, e a realizadores como Paulo Rocha, Manuel Mozos, João Salaviza e Basil da Cunha, para perfazer uma montagem de encontros em torno de uma situação comum, o terreno de construções, em paralelo com o neo-realismo italiano, através de MAMMA ROMA, ACCATTONE de Pasolini e LA NOTTE BRAVA, de Mauro Bolognini, estabelecendo um pensamento que parte das familiaridades entre os dois cinemas, para substanciar um espírito muito especificamente português. Sempre acompanhado pelo som das obras, o filme traça uma ideia de sentir paradoxal, que, entre a classe e o amor, se configura numa suspensão ao mesmo tempo sonhadora e frustrada.

THE TIMEKEEPERS OF ETERNITY apropria-se da minissérie de terror *The Langoliers* (1995), adaptação de um conto do livro *Four Past Midnight*, de Stephen King, Aristotelis Maragkos imprime, um a um, cada fotograma, construindo uma animação que, entre o *stop-motion* e a colagem, transforma a narrativa através da manipulação do papel. Deixando a história original parcialmente inalterada, o filme combina imagens e diálogos,

repensando as suas cenas através de ações concretas: o rasgar, o amassar e o sobrepor das folhas-fotogramas, ações manifestas, a certo ponto, pelas próprias mãos que rasgam as imagens a meio, conjugam os seus movimentos com a narrativa, remetendo-a para um experimentalismo temporal apoiado em metamorfoses de texturas e movimentos na afetividade dos acontecimentos representados, que ora intensificam ora fragmentam as imagens, abrindo e multiplicando a densidade narrativa a novas possibilidades de experiência ao mesmo tempo que reiteram a sua plasticidade.

A sua temporalidade, que concretiza uma forte carga meta-textual, está presente série original e é transposta e alterada na materialidade do filme. O universo diegético tem, já em si, o tempo como conceito fulcral: segue a história de um grupo de pessoas que, numa viagem de avião dá por si no mundo de um tempo dessíncrono, num passado próximo prestes a ser destruído, focando-se principalmente no antagonista, um empresário atormentado por uma infância traumática que, conseqüentemente, carrega uma raiva incontrolável motivada pelo sentimento de desperdício de tempo. O tempo da história e o da memória são aqui conjugados e dados a ver através dos rasgos e da fragmentação das imagens. No entanto, *THE TIMEKEEPERS OF ETERNITY* dá-nos acesso a uma outra temporalidade, a uma contraposição entre a ideia de tempo e o tempo concreto da imagem-em-movimento, substanciando toda a narrativa. Esta ideia de tempo toma figura no ponto climático do filme, em que duas formas circulares de papel retalhado destroem o espaço diegético e o papel. Originalmente correspondentes aos *Langoliers*, criaturas com o propósito de apagar e destruir o passado e manter o presente, a sua figuração em retalhos de papel transmite uma espécie de autonomia senciente que caracteriza a essência cinematográfica desta obra.

Não tendo desvirtuado a história original Aristotelis Maragkos acaba por fazer um filme no qual essa mesma narrativa não é mais do que um meio, ou um veículo de circulação de intensidades que estão bem para lá, na dimensão temporal da imagem propriamente dita. Na própria ideia de apropriação e de manipulação que domina estas imagens, manifesta-se um efeito singular, que coloca a história (o que nela há de enunciável) em segundo plano, tornando solidamente visíveis os pequenos movimentos afetivos. Tal apropriação tem um efeito singular, que ao desviar a atenção para o seu materialismo e para a temporalidade dos seus processos, coloca a história em segundo plano, numa coabitação fantasmática e distanciada, dominada pelo tempo e pela textura do papel, que é também, neste caso, o tempo e a textura do cinema. No final as contas, *THE TIMEKEEPERS OF ETERNITY* faz uma subtil, mas poderosa afirmação sobre o cinema, e um exercício meta-cinematográfico pertencente a um tipo de pensamento prescritivo, ou seja, que pensa o que o cinema pode e deve ser sensitivamente, para além dos seus sentidos mais convencionais.

Manuel João Montenegro